

## Explorando as ilustrações de livros infantis: suas possíveis leituras

Anelise Zimmermann  
Prof.<sup>a</sup> Ms. UDESC

### **Resumo:**

*No livro infantil, muitas vezes as ilustrações são consideradas meros elementos decorativos, servindo apenas de auxílio às palavras. Com isso, a participação dessas imagens na construção das histórias é reduzida, quando não completamente ignorada. Perde-se assim uma importante possibilidade de trabalhar-se o estímulo da leitura visual infantil a partir do livro. Este, entretanto, pode ser usado como um importante instrumento na educação visual da criança, visto que, entre outros fatores, suas características físicas permitem uma observação pausada ao leitor, oferecendo-lhe o tempo que deseja para a reflexão. Além disso, o livro já fazer parte do ambiente escolar, o que possibilita uma proximidade com seu público. Sugere-se então, que sejam empregadas as ilustrações de livros infantis em atividades que envolvam a leitura crítica de imagens, seguindo uma abordagem fundamentada na semiótica discursiva buscando, com isso, formar leitores capazes de ler tanto textos verbais, como visuais.*

**Palavras-chave:** livro infantil, ilustração, criança, leitura de imagens, textos

### **As ilustrações de livros infantis: o que elas nos dizem**

Durante uma de minhas conversas com uma leitora de 8 anos<sup>1</sup>, na qual contou-me sobre os livros que gostava, quando perguntei-lhe como geralmente fazia para escolhê-los, ela respondeu rapidamente, para meu espanto, que era pelo texto. E em seguida completou: "As imagens não me dizem nada". Tal resposta surpreendeu-me por dois motivos: primeiramente por ter sido dada logo após fazermos algumas atividades com as ilustrações do livro infantil, *Com a Maré e o Sonho* (PARREIRAS, 2006), nas quais a leitora mostrou-se bastante envolvida, chegando a confundir-se com a personagem principal da história, atribuindo seu próprio nome a ela. Também riu das imagens da "menina com cabelo de bruxa", inventou músicas sobre a história, redesenhou uma das páginas acrescentando diversos detalhes a ela, comentou sobre as coisas que a menina fazia na história e que ela também já havia feito e percebeu detalhes nas ilustrações que foram muito além de minha própria percepção.

Quando pedi a ela que falasse sobre uma imagem em específico (ibid, p. 10 e 11) (Figura 01), olhando para as páginas, contou com a maior naturalidade "aqui ela está imaginando que é a praia; aqui é um monte de

coqueiros que nasceram e os postais de coco são os cocos dos coqueiros". Em entrevista anteriormente realizada com o ilustrador do livro, André Neves<sup>ii</sup>, ele havia comentado o quanto ele mesmo se admirava com a criação e complexidade dessa ilustração: "Meu Deus, como eu tive essa idéia! [...] A imagem tem coqueiros que saem das gavetas. As gavetas estão no quarto da personagem. Os coqueiros foram plantados com a imaginação".



Figura 01 - Páginas 10 e 11 do livro *Com a Maré e o Sonho*<sup>iii</sup>

A leitora também ficou feliz ao saber que iria ganhar o livro de presente e passou a chamá-lo de "meu livro". Parecia portanto, contraditório, após essa conversa e todo o envolvimento da menina com as imagens, que elas realmente "não lhe dissessem nada" e que, para ela, não tivessem nenhum valor.

Outro motivo que me chamou a atenção nesse comentário foi a forma e a rapidez com a qual foi feito, parecendo ser uma frase pronta, pois a leitora nem mesmo hesitou ou precisou de tempo para pensar a respeito - foi logo dizendo: "as imagens não me dizem nada". Como fiquei sabendo posteriormente, através da mãe da leitora, que acompanhou a atividade, realmente a resposta havia sido resultado de uma conversa entre adultos alguns dias antes, pois ela já estava bem "grandinha" para livros com muitas imagens. Agora ela já era capaz de ler "textos".

Esse fato, no qual as imagens nos livros infantis são consideradas secundárias, servindo apenas como detalhes decorativos ou como forma de atrair leitores na infância não é novidade e sim, um fato bastante freqüente.

Mas será mesmo que as imagens não nos dizem nada? Não seremos nós incapazes e despreparados para fazermos suas leituras e interpretá-las? Hernández (2007, p. 38), falando sobre a cultura visual que nos cerca, também nos questiona: "Se não se ensina aos estudantes a linguagem do som e das imagens, não deveriam ser eles considerados analfabetos da mesma maneira como se saíssem da universidade sem saber ler ou escrever?".

É a partir dessa preocupação que surgiram expressões como "analfabetismo visual" e "animagemismo" (OLIVEIRA, 2007), chamando a atenção para uma dificuldade crescente e cada vez mais presente nos dias atuais: a falta de crítica e reflexão frente às imagens do nosso cotidiano.

Manguel (2003, p. 144) também nos alerta: "manipulados pela mídia, essas imagens não nos dão tempo para uma crítica ou reflexão pausada. 'Adoramos as imagens, mas não' aprendemos em profundidade por meio delas". Decorre daí, para Hernández (2000, p. 69) a relevância dos estudos e atividades desenvolvidas por educadores envolvendo a cultura visual em sala de aula com crianças e jovens, buscando prepará-los para uma postura mais ativa frente a essa "era das imagens", levando-os a se verem nela como também agentes e não apenas receptores, "de modo que possam conviver com diferentes manifestações visuais a partir de posições que lhes possibilitem assumir novos desafios, fazer contestações e diferentes relações".

André Neves, falando sobre seu trabalho como ilustrador, conta que percebe que muitas pessoas "não dão credibilidade aos livros sem palavras; não sabem lidar só com a linguagem visual". E explica: "com a parte visual [...] a gente começa lendo tudo devagar e depois a gente começa a ler com velocidade [...] e é tão grande que deixamos os detalhes de lado. Então, resgatar [...] essa percepção mais aguçada é difícil [...] (NEVES, 2007).

A partir destes fatos é que se destaca o papel da educação visual na aprendizagem, pois como nos diz Oliveira (2005, p. 07), é "necessário (...) que as pessoas possam conhecer e usar um referencial mínimo para poder decodificar o universo de imagens que invade o cotidiano".

Segundo Camargo, escritor, ilustrador e pesquisador na área de literatura infantil (2006, p. 13)

Tal como a leitura da palavra depende do conhecimento de mundo e do conhecimento lingüístico, a leitura da imagem também depende do conhecimento de mundo e do conhecimento da linguagem visual. Isso significa que não basta somente ver, é preciso aprender a ver.

E como isso pode ser feito? Qual pode ser a participação da ilustrações dos livros infantis nesse contexto?

Primeiramente é importante esclarecermos a definição de ilustração. Para o a Associação de Designers Gráficos esta pode ser uma imagem cujo objetivo é "corroborar ou exemplificar o conteúdo de um texto de livro, jornal, revista ou qualquer outro tipo de publicação" (ADG, 2000, p. 59). Já no Dicionário Aurélio (2007, p. 01) encontra-se: "ilustração: imagem ou figura de qualquer natureza com que se orna ou elucida o texto de livros, folhetos e periódicos". Porém, suas atribuições podem ir muito além, podendo ser também considerada uma imagem que amplia um texto verbal, que adiciona a ele informações, que o questiona, que o substitui (como nos livros de imagens), ou mesmo o seu ponto de partida<sup>iv</sup>.

Segundo Camargo (2006, p. 13),

"as ilustrações não explicam nem ornamentam o texto; também não traduzem o texto, não buscam equivalências entre o verbal e o visual. Mais do que coerência ou convergências de significados, parece que se trata de co-laboração dos diversos discursos verbal e visual, constituindo um discurso duplo, um *diálogo*".

Ângela Lago (2006, p. 01), ilustradora, nos lembra que "a linguagem verbal não é traduzível para o visual. São duas formas de pensar diferentes", ou seja, nem tudo o que é expresso por palavras pode ser traduzido em imagens, sendo que o oposto também é verdadeiro. Camargo, compartilhando da mesma opinião nos diz que "assim como o *texto verbal*, o *texto visual* também exige uma espécie de alfabetização - ou [...] letramento visual" (CAMARGO, 2006, p. 13, grifo nosso). Assim sendo, a ilustrações possuem um "vocabulário" próprio, que também necessita de um aprendizado para poder ser "lido" e "compreendido".

Chama-se a atenção para a utilização da terminologia "textos", tomada da semiótica discursiva greimasiana (OLIVEIRA, 2005), referindo-se a toda e qualquer estrutura narrativa, podendo ser composta apenas por imagens - textos visuais, como por palavras - textos verbais . Tais expressões parecem bastante adequadas pensando-se em atribuir igual valor de importância entre ilustrações e palavras.

Além disso é possível fazermos outras associações entre texto verbal e visual. Para Lago, "desenhar é uma forma de escrever. O desenho fala, chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia [...]. Desenhos são para a gente folhear, são para serem lidos que nem poesias" (LAGO, 1991, p. 13).

### **O livro infantil e suas possibilidades**

Convém destacar que, no exercício de "letramento visual" as ilustrações dos livros infantis podem ser empregadas como importantes recursos e estímulos à sua aprendizagem, entre outros motivos, por permitir uma observação pausada de seu leitor. Cabe a ele determinar o "seu tempo" de atenção e reflexão para cada ilustração e todo e qualquer elemento que compõe uma imagem, fugindo da velocidade, fugacidade e superficialidade das informações em outras mídias, como por exemplo, a televisão. Além disso, o livro possibilita o retorno a qualquer uma das páginas, ou a todas elas, quantas vezes for desejado com extrema facilidade, permitindo ao leitor estabelecer diferentes relações dentro de uma mesma história.

"Mesmo para crianças fartas de vídeo e televisão o livro condensa uma imagem: ele pode ser manuseado, observado calmamente, estudado e reexaminado de um jeito que nenhuma nova tecnologia permite." (ROSE, 2003, p. 07). Tomando a expressão usada por Andrea Rose, de que "o livro condensa uma imagem", e falando mais especificamente das ilustrações, temos que estas participam da formação da história, deixando, porém, lacunas a serem preenchidas pelo leitor, cabendo a ele imaginar o que teria ocorrido de uma página a outra, fazendo com que este também interaja na construção da obra, exigindo assim a sua participação. Iser (1996, p. 13), falando sobre o texto literário, nos diz que "o texto é o processo integral que abrange desde a

reação do autor ao mundo até sua experiência pelo leitor". Assim sendo "o texto é potencial de efeitos que se atualiza no processo de leitura" (ibid, p. 15), e que portanto, sofre a intervenção do leitor na elaboração de suas mensagens.

Mais ainda, o livro infantil já faz parte do cotidiano escolar, apesar de estar frequentemente relacionado à aprendizagem apenas dos textos verbais, desconsiderando-se suas imagens, principalmente nas idades mais avançadas.

Por fim, sabemos que um dos grandes e mais importantes estímulos à leitura, principalmente nas idades iniciais, são as ilustrações. Geralmente quando conversamos com adultos que possuem o hábito da leitura originário da infância, fazem parte de seus depoimentos observações sobre as imagens de suas publicações preferidas, nas quais se perdiam por muito tempo, destacando as ilustrações como elementos marcantes.

Considerando todos esses aspectos é que destaco a importância dos livros infantis envolvidos em atividades em sala de aula, com o objetivo de se analisar, questionar, buscar interpretar e discutir suas ilustrações inseridas em uma perspectiva que coincide com a cultura visual, sem necessariamente, cair em modelos de didatização da literatura. "Trata-se de cuidar para que os estudantes aprendam a fundamentar suas interpretações, que tenham uma análise crítica [...] de modo que possam conviver com diferentes manifestações visuais" (HERNÁNDEZ, 2007, p. 69). "O propósito da compreensão crítica e performativa da cultura visual é procurar não destruir o prazer que os estudantes manifestam, mas 'explorá-los para encontrar novas e diferentes formas de desfrute' " (ibid, p. 71).

### **As ilustrações e suas possíveis leituras**

Entre as diversas possibilidades para o exercício da leitura de imagens destaco a utilização da semiótica discursiva e sua vertente derivada dos estudos de Algirdas Julien Greimas, proposta por OLIVEIRA (2005), considerando que sua aplicação pode se dar tanto na leitura de obras de arte como em peças publicitárias e ilustrações de livros infantis, oferecendo diversas possibilidades aos seus leitores.

No modelo greimasiano, fugindo do modelo "emissor-receptor", ou "criador-espectador" no qual o observador aparece como um ser passivo, são empregados os termos "enunciador-enunciatário", desvinculando-se de qualquer relação de hierarquia. O observador é também agente, participando do processo de construção dos significados.

O modelo de leitura da Oliveira (2005) baseia-se na decomposição da imagem e sua recomposição, passando pelas formas e significações mais amplas às mais específicas e complexas; fazendo, por fim, o que a autora chama de "trânsito incansável entre os elementos" e seus "procedimentos relacionais", numa busca exaustiva dos efeitos de sentido gerados pelas relações entre as partes e na composição do todo.

Considerando a diversidade visual que nos cerca, esse exercício do "olhar" permite uma modificação em nossa "capacidade de ver" e especializa "o potencial de extrair das imagens seus significados" (OLIVEIRA, 2005 p. 184), permitindo ao observador, uma maior consciência crítica dessas imagens.

Sabe-se que existem diversas possibilidades de leituras e propostas de outros teóricos que também podem ser aplicadas dentro desse contexto, sendo que o busca-se com a sugestão acima é despertar a atenção de uma possível participação mais intensa do livro na "educação visual" da criança.

### **Considerações finais**

Pensando-se na leitura das ilustrações dos livros infantis, acredita-se que com o exercício dessa prática, as crianças poderão vir a desenvolver uma maior capacidade de avaliação e compreensão das imagens que as cercam e que compõem a cultura visual de seu tempo. Além disso, a partir de um visão mais aguçada, os leitores poderão também vir a ser capazes de questionar a qualidade das ilustrações do livros que lêem, não apenas quanto ao seu caráter estético, mas também considerando a relação entre texto verbal e visual, numa leitura crítica e própria, influenciando e estimulando a qualidade da produção literária no país. Com isso a ilustração também ganha importância no livro e deixa de ser considerada um simples elemento decorativo,

assumindo, para seus leitores, outra função, sendo estes então capazes de perceber que as imagens podem lhes "dizer muitas coisas".

## Referências

ASSOCIAÇÃO DOS DESIGNERS GRÁFICOS. **ABC da ADG**. Glossário de termos e verbetes utilizados em Design Gráfico. São Paulo: ADG, 2000.

CAMARGO, Luis. A imagem. Material didático entregue no minicurso "O livro para crianças: onde o visual e o verbal se mesclam", parte do evento paralelo ao **5º Traçando Histórias**. Porto Alegre, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

ISER, WOLFGANG. **O ato da leitura**. Uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LAGO, Angela. Anotações descosturadas sobre ilustrações e livros de imagens. In: **Revista Releitura**. nº 0. Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, 1991. 65 p. p. 13 -17.

LAGO, Angela. **O computador e o livro**. Disponível em: <<http://www.angela-lago.com.br/comments.html>> Acesso em: 28 abr. 2007.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NEVES, André. **Entrevista concedida a Anelise Zimmermann**. Porto Alegre, 22 de jul. de 2007a.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Imagem também se lê**. São Paulo: Rosari, 2005.

\_\_\_\_\_. **Moda também é texto**. São Paulo: Rosari, 2007.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. e ZIMMERMANN, Anelise. Ilustrações de livros infantis no ensino de arte. in: **Anais do I Congresso Educação, Arte e Cultura**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

PARREIRAS, Ninfa; ilustrações de André Neves. **Com a maré e o sonho**. Belo Horizonte: RHJ, 2006.

ROSE, Andrea. Foreword. In: BLAKE, Quentin (selec.). **Magic Pencil. Children's book illustration today**. London: The British Library, 2003.



## Notas finais

---

<sup>i</sup> Entrevista concedida para o desenvolvimento de um Estudo de Caso, utilizado na pesquisa de dissertação de Mestrado da autora, realizada em abril de 2007. O nome da entrevistada não é mencionada para garantir a sua privacidade.

<sup>ii</sup> Entrevista realizada com o ilustrador André Neves utilizado na pesquisa de dissertação de Mestrado da autora, realizada em junho de 2006.

<sup>iii</sup> Fonte: Parreiras, 2006, p. 10 e 11.

<sup>iv</sup> No livro *Imagine a Night*, de Rob Gonsalves, (2003) as ilustrações foram desenvolvidas antes dos textos verbais.